

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em História

PROJETO DE MESTRADO

Da Senzala ao Novo Horizonte: identidade cultural negra e a questão nacional na imprensa negra paulista entre 1945 e 1948

Rubens Dionisio da Silva Lopes
Expectativa de orientação: Professora Dra. Heloisa de Faria Cruz

São Paulo
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em História

Da Senzala ao Novo Horizonte: identidade cultural negra e a questão nacional na imprensa negra paulista entre 1945 e 1948

Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de História, da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a. Dra. Heloisa de Faria Cruz

São Paulo
2020

SUMÁRIO

I.	Apresentação do tema e problema	04
II.	Pensando a imprensa negra paulista e seus temas	06
III.	Objetos, metodologia e fontes	16
IV.	Os periódicos selecionados	19
V.	Cronograma de Trabalho	23
VI.	Fontes	24
VII.	Lista de Imagens	24
VIII.	Bibliografia	25

I. Apresentação do tema e problema

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar o papel da imprensa negra paulista na articulação interna dos movimentos negros em São Paulo e na divulgação de propostas e promoção do debate sobre a configuração das identidades culturais e sobre o lugar das populações negras na construção e composição da nacionalidade na década de 1940. Para tanto selecionei periódicos da imprensa negra paulista entre os anos 1945 e 1948, especialmente os jornais e revistas da cidade de São Paulo *Alvorada*, *Senzala* e *O Novo Horizonte*, todos disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo e no acervo digital da Universidade de São Paulo.

Por ter trabalhado com jornalismo a pesquisa na imprensa sempre me atraiu. O interesse pela pesquisa sobre imprensa negra paulista surgiu após algumas experiências particulares de convivência cotidiana em relação a imprensa contra hegemônica produzida por negros. Ao adentrar na graduação em História, fui aprimorando o interesse pela pesquisa histórica sobre o negro brasileiro e de minha ancestralidade através da imprensa até resultar no presente projeto. Portanto, a pesquisa pode ser compreendida como um reflexo de uma inquietude particular quanto as projeções simbólicas, culturais e sociais da imprensa não comercial brasileira e seus impactos sobre as populações negras no presente e no passado.

Ademais, a escolha pelo recorte temporal se deu pela importância do período do final do Estado Novo para a reconfiguração da imprensa negra e a emergência em suas páginas da discussão que articula a questão da integração nacional ao debate sobre identidades culturais negras e a busca do que então denominavam como a segunda abolição.

Os três periódicos *Senzala*, *O Novo Horizonte* e *Alvorada* foram selecionados para análise em decorrência de sua grande circulação dentro das comunidades negras da cidade de São Paulo, e também porque neste momento de pandemia, logrei fácil acesso de suas páginas digitalizadas, todas elas dispostas na Hemeroteca Digital e no acervo de Imprensa Negra da Universidade de São Paulo.

No diálogo com estes materiais interessa particularmente problematizar a visão destes periódicos diante das questões sobre a configuração das identidades culturais e o lugar das populações negras na construção e composição da nacionalidade logo após o

fim do Estado Novo. Trata-se também de indagar sobre o lugar atribuído à memória histórica do negro brasileiro na discussão sobre a nação e o nacional sob as perspectivas dos veículos aqui pesquisados.

Como indica Joselina da Silva em seu artigo *A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50*¹ após o término do Estado Novo e a eleição de Eurico Gaspar Dutra, a imprensa negra, que tinha sofrido bastante censura, experimenta um novo ressurgimento, retomando as discussões sobre as experiências cotidianas do negro brasileiro e sobre a “necessidade de unidade do negro”. Então, para alguns desses jornais torna-se necessário fomentar a segunda abolição através de uma auto análise crítica sobre a inserção do negro no modo de vida urbano e produtivo paulistano em sua terceira onda de industrialização.

Na edição de janeiro de 1946 da revista *Senzala*, em um artigo referente à Convenção do Negro Brasileiro, Aguinaldo de Oliveira Camargo reflete a respeito da necessidade de se revisar as políticas públicas a nível nacional:

O problema do negro brasileiro é antes de mais nada um problema de educação, secundado pelo fator econômico [...] deram liberdade em massa para o povo negro de maneira contraindicada. Concederam o direito de cidadão ao escravo que ainda não havia se aculturado e estava ainda num estado de servidão econômica. Isso se generalizou até os nossos dias.²

Observa-se, na conjuntura paulista daquele recorte temporal, uma rede de jornalistas, articulistas, literatos e colaboradores dentro da imprensa negra formada em espaços como clubes, sociedades anônimas e associações negras em cidades como Campinas, São Paulo, Santos e Piracicaba. Esses grupos de jornalistas e escritores, majoritariamente trabalhadores de serviços públicos e de baixa renda, escreviam visando um público composto pelos negros com o intuito de divulgar a consciência social, econômica e ancestral desses sujeitos históricos através de uma perspectiva educativa e histórica. Indique-se como temática forte nestes jornais a reflexão sobre o lugar e papel do negro brasileiro na “construção nacional”, suas resistências e as reminiscências do colonialismo em uma São Paulo que se urbanizava a passos acelerados. Na questão da

¹ SILVA, Joselina da. A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Estudos Afro-Asiáticos, pp. 215-235, 2003.

² Revista *Senzala* de janeiro de 1946, página 11.

memória destacam-se temas como a afirmação da imagem da mãe preta e as propostas que defendem a revisão do 13 de Maio como memória redentora.

Diante da condição de marginalização das culturas afro-brasileiras como tecnologia de racismo, vistas como subproduto de uma etnia inferiorizada durante séculos, além da estereotipação do negro como indivíduo incapaz de elaborar análises de conjuntura política, econômica e social, a imprensa negra acentua seu caráter de protesto. Naqueles anos, após a reabertura política, os jornais e revistas da imprensa negra acentuam a percepção de que suas demandas e interesses não seriam veiculados pela grande imprensa centrada nas experiências eurocentradas dos discursos hegemônicos, tanto no plano cultural quanto sócio-econômico.

Através desses temas trazidos pelas fontes, buscar-se-á acompanhar as diferenças de posicionamentos que esses periódicos deixam ver quanto a temas relacionados à concepção de raça, nacionalismo e ancestralidade.

Intenciono fazer análise desses temas acompanhada de discussão bibliográfica capaz de historicizar o objeto de estudo e seu recorte temporal para refletir sobre as transformações do caráter de protesto da imprensa negra paulista desde seu surgimento, passando por 1945-48.

II. Pensando a imprensa negra paulista e seus temas

A imprensa negra crítica à discriminação racial se estabeleceu no Brasil, ao que indica a historiografia, em 1833 com a fundação do *O Homem de Cor ou O Mulato* na cidade do Rio de Janeiro.³ Desde então, essa imprensa passou por diversas transformações em diferentes perspectivas: de sua composição gráfica, de seu projeto editorial quanto ao racismo e as projeções culturais das populações negras, além dos espaços comunitários e redes de socialização utilizados para a produção de seus periódicos.

Em princípio, a emergência dessa imprensa articulou-se na formação das irmandades religiosas e por meio delas conseguiu espaço de exposição em diferentes regiões do Brasil; posteriormente sucedidas pelas sociedades de recreação e dança até o aparecimento das associações de ajuda mútuas e vinculadas a organizações político-

³ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil no século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

partidárias responsáveis por provocar algum grau de centralização no movimento negro brasileiro.⁴

Contudo, vale resgatar a memória da imprensa negra desde o século retrasado não somente para sobrepor-se a uma lacuna nas referências coletivas do brasileiro quanto às resistências seculares das populações negras, mas também como uma evidência histórica desde então, visto que, como apontam estudos de José Roberto Gonçalves⁵ e Ana Flávia Magalhães⁶ parte da historiografia segue situando a emergência da imprensa negra brasileira apenas no século XX.

Através de pesquisas como estas, evidencia-se que desde o século retrasado já se denunciava a discriminação racial e reivindicava-se acesso a cargos públicos no século XIX entre as populações negras libertas, algumas delas autodeterminadas como mulatas. Portanto, é necessário perceber que tais reivindicações e preocupações sob a perspectiva da imersão do negro no mercado de trabalho se estabeleceram na produção jornalística negra do século retrasado, se projetaram na imprensa negra durante os anos 1940, recorte temporal da presente pesquisa, e se mantêm na atualidade.

O primeiro periódico paulistano de negros para negros tido por parte da produção historiográfica, o *Menelick*, foi lançado ao público no ano de 1915. Nas páginas do jornal que homenageava o imperador etíope responsável por liderar as tropas vitoriosas de seu país na primeira guerra Ítalo-etíope, evidencia-se através da pesquisa de Teresa Malatian⁷ a iminência de um jornal focado na exposição de poesias de membros de sua comunidade e um discurso sem uma problematização estruturalista do racismo brasileiro em todas as suas edições.

A partir deste jornal, três décadas se passaram até a elaboração dos veículos aqui estudados. Como nos aponta Clóvis Moura⁸, nesse intervalo, principalmente a partir da

⁴ GONÇALVES, José Roberto. O Getulino – um jornal de carapinha: jornal editado por jovens negros em Capinas (1923/1925). Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

⁵ Ibidem.

⁶ PINTO, Ana Flávia Magalhães. Imprensa negra no Brasil no século XIX. São Paulo: Selo Negro, 2010.

⁷ MALATIAN, Teresa. Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar. São Paulo: Unesp, v. 14, n. 1, pp. 340-364, janeiro-junho, 2018.

⁸ MOURA, Clóvis. Imprensa Negra: estudo crítico de Clóvis Moura e legendas de Miriam Ferrera. São Paulo: edição fac-similar, Imprensa Oficial, 2002.

dos anos 1920, observa-se uma transformação da imprensa negra paulista que já ocorrera anteriormente em jornais exclusivamente negros de outras localidades brasileiras.

Novamente, Teresa Malatian nos aponta como, partir do século XX, essa imprensa assume mais e mais o caráter de protesto, observações estas, aliás, já presentes nos estudos Florestan Fernandes e Roger Bastide desde os anos 1950.

Segundo vários desses estudos, já no início dos anos 1930 identifica-se uma tomada de consciência nacionalista sinalizada pela reivindicação de um lugar para o negro na construção nacional, mas com uma abordagem focada na abolição da escravidão e no direito ao espaço público sob égide de iniciativas propostas pelas comunidades negras.

Miriam Nicolau Ferrara periodiza a imprensa negra paulista em três momentos ao longo do século XX. Segundo a autora, a primeira fase, entre os anos 1915 e 1930, os jornais caracterizam-se por repercutir demandas internas das associações de recreação e de sua comunidade, sempre numa perspectiva voltada para a integração do negro na sociedade brasileira, sobretudo através do letramento. A segunda fase, localizada por ela no período da transição da República Velha para o Estado Novo, especialmente com a ascensão da Frente Negra Brasileira, foi marcada por um enfoque dos negros articulistas e jornalistas em discursos de caráter de protesto.

A dinâmica desses jornais articula-se às conjunturas de abrangência nacional, como pontua a periodização proposta por Clóvis Moura. Para este autor, a primeira fase acaba em 1923; a segunda vem a público entre a ascensão de Vargas em 1930 e a implantação do Estado Novo sob uma perspectiva combativa diante o autoritarismo varguista e as crescentes imposições simbólicas e práticas das teorias eugenistas no Brasil. Já sobre o papel da imprensa negra na conjuntura política pós Estado Novo, Clóvis Moura fez a seguinte avaliação:

“O momento das grandes reivindicações políticas marca o terceiro período (1945-1963), com elementos do grupo negro se filiando em partidos políticos da época ou se candidatando a cargos eletivos”.⁹

Assim temos que a imprensa negra atravessou a passagem do regime autoritário de Getúlio Vargas para o governo de Eurico Gaspar Dutra com ares de sobrevivência e reivindicação diante da marginalização das populações negras brasileiras em sociedade.

⁹ Ibidem.

E que os anos anteriores foram marcados por fortes censuras aos movimentos sociais e a seus veículos de comunicação. Jornais negros como *A Voz da Raça* foram cerceados pela censura varguista, e em 1937 o jornal vinculado à Frente Negra Brasileira teve sua circulação encerrada após seis anos.

Interrompida em 1937 com a repressão e censura do regime autoritário de Getúlio Vargas, a imprensa negra voltaria à tona na cidade de São Paulo em 1945 para a composição de sua terceira fase (1945-1963) após o retorno do voto civil e legalização dos partidos políticos.

Os jornais *O Novo Horizonte*, *Alvorada* e a revista *Senzala*, objetos desta nossa pesquisa, inserem-se na terceira fase apontada por parte da historiografia, como sendo aquela composta por uma imprensa negra que, apesar de seus projetos editoriais heterogêneos, refletiam em seus diversos textos a busca pela unidade das populações negras. Os periódicos selecionados, em diversos momentos recorriam a uma análise autocrítica para o combate à discriminação racial tendo como perspectiva mais ampla a melhoria da qualidade de vida do negro.

Dentro dessa perspectiva historiográfica, os jornais e revistas desta fase nos mostram que os grupos sociais negros de São Paulo se postaram como uma força política, buscando sua inserção político-partidária, que pugnava pelo interesse coletivo e pela unidade do negro brasileiro. Buscava combater o desemprego, o subemprego, e a inoperância do poder público em lidar com as necessidades da educação formal e empregatícias desse setor da sociedade. Estas demandas já se postavam com bastante veemência na imprensa negra paulista desde o final dos anos 1920 e anos 1930, mas se restabeleceram na produção jornalística após o fim do Estado Novo.

Como indicado anteriormente, em grande medida, veículos de comunicação negros como o *Senzala*, *Alvorada* e *O Novo Horizonte* eram produzidos em associações, sociedades anônimas e clubes que objetivavam se estabelecer como sociedades de assistência à negritude e mantidas por negros para negros, exclusivamente, naquilo que Teresa Malatian denomina com como mutualismo constituído.

Dentro desses espaços, havia também a produção de atividades esportivas, culturais e comemorativas de datas marcantes para a memória combativa dos negros, além de homenagens a antepassados, tais como Luiz Gama. Estes ambientes, como pontua

Laiana Lannes de Oliveira, eram responsáveis por criar laços de socialização. Segundo esta autora:

Embora as atividades apresentassem um caráter majoritariamente recreativo, relacionavam-se diretamente com a questão racial, na medida que buscavam recuperar elementos históricos de significância na trajetória do negro brasileiro. Além disso, a prática associativa criava laços de solidariedade, estimulava padrões comportamentais e desenvolvia elementos coletivos de identificação. [...] Enquanto os operários, muitos deles imigrantes, lutavam por melhores condições de trabalho, a luta travada pelas lideranças negras no início do século, conforme pretendo demonstrar com as citações a seguir, tinha como ponto central a integração do negro na sociedade e a união do grupo, focando como principal via de acesso a esses objetivos a mudança no comportamento social e moral dos próprios negros.¹⁰

Assim, ressalte-se que as associações e sociedades anônimas com seus respectivos veículos existentes ao longo das primeiras décadas do século XX, tiveram um papel comunitário fundamental para a criação de identidades e elaboração contínua de subjetividades para os negros em São Paulo, além de terem sido importantes para a projeção política dos veículos que compõem esta pesquisa e, sobretudo, na conjuntura que precedeu a fundação da Frente Negra Brasileira em 1931 e seu jornal *A Voz da Raça*, e o Centro Cívico Palmares em 1926 e seu jornal mais vinculado, *o Progresso*.

Memórias dos próprios jornalistas nos falam sobre estes ambientes. Assim, em depoimento colhido por Luiz Cuti¹¹, de José Correia Leite, um dos fundadores do *Clarim d'Alvorada* (1924) e do *Alvorada* (1945) entre 1983 e 1984 para o acervo da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, fez a seguinte pontuação sobre a atuação dos articulistas negros de jornais como o *Clarim d'Alvorada*, também tido como jornal de resistência:

Tudo o que surgia de novo se dava nas rodas, nas ruas, nos bares. Às vezes a gente chegava num bar ali pelas oito horas da noite e esquecia o tempo naquelas discussões. Os negros se reuniam ali na Rua Quintino Bocaiúva, Praça da Sé e Praça João Mendes, onde tinha um café chamado Café do Adelino. Muitos se encontravam próximo dos salões de bailes. Havia os que não frequentavam baile, depois que já tinham ideia formada.

¹⁰ OLIVEIRA, Laiana Lannes. Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros? Niterói: Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

¹¹ CUTI, Luiz Silva. E disse o velho militante José Correia Leite. São Paulo: Noovha América, 2013.

É relevante analisar a imprensa negra em São Paulo como um espaço público compartilhado por grupos sociais de diversas regiões do estado e concentradamente em cidades mais populosas como São Paulo. Contudo, *O Senzala*, *O Novo Horizonte* e *o Alvorada* eram produzidos na cidade de São Paulo e redistribuídos para outras cidades além da capital, o que evidencia seu alcance em outras localidades.

Naquele momento, como indicam vários estudos, dentre os quais aqui se destacam os de Raquel Rolnik¹² e Amailton Azevedo¹³, as populações negras já constituem territórios fortemente marcados por sua presença. Territorialidade que é marcada pela junção entre o lugares de moradias dos trabalhadores e operários negros e espaços de lazer, como o Largo da Banana, no então bairro operário da Barra Funda, ou outras localidades da capital paulista, tais como a Liberdade, Lavapés, o Bixiga, Canindé, Belenzinho, Consolação, entre outras localidades. Como aponta Raquel Rolnik, nesses espaços:

[...] não só moravam negros como se configuraram territórios negros importantes, com suas escolas de samba, terreiros, times de futebol e salões de baile. Ainda nas primeiras décadas do século [...] organizaram-se também sociedades negras, com atividades culturais e recreativas que envolviam a publicação de jornais, a produção literomusical e teatral, passeios, piqueniques e bailes de fim de semana em salões alugados. Em São Paulo, como no Rio, os chamados ‘Salões de Raça’, situados no Centro da cidade, eram a opção de lazer da ‘elite negra’ (funcionários públicos, comerciários, contadores e técnicos). (RAQUEL ROLNIK, 1989, p. 35).

Observa-se, com isso, redes de socialização dos negros que se estabeleceram em uma cidade de São Paulo sob intenso processo de crescimento metropolitano, urbanização desenfreada e marginalização de grupos sociais não assistidos pelo poder público. Como evidencia Rolnik, essas redes consistiram em diversas projeções sociais e culturais que não podem ser subtraídas ao analisar a imprensa produzida por escritores e articulistas por essa comunidade.

¹² ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). *Estudos Afro-Asiáticos*, São Paulo, 17, 1989, p. 29-41.

¹³ AZEVEDO, Amailton Magno. *Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo*. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2017.

Em um primeiro momento, essa imprensa em São Paulo era posta, segundo o editor de *O Clarim d'Alvorada* e *Alvorada* Correia Leite¹⁴, como apolítica no sentido político-partidário e em sua concepção em torno da luta de classes por haver a percepção de seus indivíduos organizadores de que o partidarismo ideológico e a imprensa comercial não abrangiam as subjetividades das populações negras. Como foi supracitado, essa característica se alternou com o passar dos anos 1920 com o próprio *Clarim d'Alvorada* e *Voz da Raça* e se consolidou uma nova linha editorial de 1945 em diante.

Uma revisão de concepções no interior do próprio movimento negro em relação ao lugar do negro na sociedade brasileira e sobre a necessidade de engajamento nas questões políticas ganha força, em 1945, com a fundação da Associação dos Negros Brasileiros, sob apoio e divulgação do *Alvorada*, e da elaboração do *Manifesto à Nação* lançado pela Convenção do Negro Brasileiro na sede da Associação Paulista de Imprensa com ampla repercussão do *Senzala*.

Importante indicar que em decorrência da elaboração da Constituição de 1946, a reorganização do movimento negro em São Paulo e Rio de Janeiro em torno da Constituinte se deu através da formação da Convenção do Negro Brasileiro em 1945 em conjunto com membros do Teatro Experimental do Negro, como Abdias do Nascimento, e seu jornal mais proeminente, o carioca *Quilombo*.

Em novembro do mesmo ano, a Convenção organizou o I Congresso do Negro Brasileiro com o objetivo de convidar intelectuais e pessoas de todo o Brasil interessadas em debater a situação do negro no Brasil e suas demandas dentro da nova conjuntura política.¹⁵

O *Manifesto à Nação* foi lançado no Congresso com participação direta de Aguinaldo, antigo amigo de Abdias e um dos colaboradores na fundação do Teatro Experimental do Negro, na elaboração do Congresso Afro-Campineiro em 1938 e na fundação do Comitê Democrático Afro-Brasileiro, este responsável em oferecer assistência aos negros presos políticos em 1945.

¹⁴ MOURA, Clóvis. *Imprensa Negra: estudo crítico de Clóvis Moura e legendas de Miriam Ferrera*. São Paulo: edição Fac-Similar, Imprensa Oficial, 2002.

¹⁵ O evento foi realizado em três dias, entre 10 e 12 de novembro, na Associação Paulista de Imprensa e sob colaboração de Aguinaldo de Oliveira Camargo, um articulista do *Senzala* supracitado neste texto.

A Convenção do Negro Brasileiro foi realizada tanto na cidade de São Paulo quanto no Rio de Janeiro entre 1945 e 1946. Em São Paulo, pouco mais de 400 pessoas debateram o manifesto a ser apresentado aos partidos políticos, líderes e candidatos às eleições presidenciais de 1945.¹⁶

As reivindicações do manifesto e os ideários teóricos do *Senzala* e de seus colaboradores são, como nos explicita Laiana, isenção de impostos e taxas de abertura para pequenos negócios e a adoção de políticas públicas que findassem as desigualdades econômicas, sociais e de acesso à cultura no Brasil. Outro aspecto fundamental do manifesto é a exigência de uma Constituição que reconhecesse a composição étnica brasileira em três raças, a branca, indígena e negra, formando o que o projeto gráfico da revista *Senzala* expressava como a “*raça brasileira*”.

Outras demandas do manifesto foram em torno da criminalização do preconceito de cor a nível de lei penal e da exigência do auxílio do Estado na incorporação de negros em escolas e faculdades particulares.¹⁷

Depreende-se parte desse conteúdo na seguinte afirmação de Aguinaldo Camargo no artigo *Diretrizes da Convenção do Negro Brasileiro*:

“Sabido é que desde a nossa formação histórica o povo brasileiro se constitui de três raças fundamentais: a branca, a negra e a indígena. Pela miscigenação desses três grupos, somos considerados um povo mestiço e por essa razão, não é justo que em pleno século vinte, com vitória dos princípios democráticos, ainda perdurem as restrições que elementos reacionários e com mentalidade nazifascista querem impingir a nosso povo”.¹⁸

Observa-se uma tomada de consciência de raça como elaboração social e cultural, logo uma construção histórica, recusando-se a composição de raça como uma herança biológica. Os três periódicos repercutiram essa perspectiva de abordagem. Quanto a busca pela unidade entre os negros e o freio ao complexo de inferioridade, Aguinaldo afirmou que:

¹⁶ OLIVEIRA, Laiana Lannes. Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros? Niterói: Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Revista *Senzala* de janeiro de 1946, página 11.

“Ao fazer-se tal união, não se está fazendo racismo político, que já foi repudiado do consenso da nacionalidade em vários manifestos das sociedades culturais de nossa pátria”.¹⁹

Percebe-se a preocupação do autor em desestabilizar a ideia de racismo inverso, ou o racismo político citado, e afastar da sociedade a ideia de “separatismo racial”.

Francisco Lucrecio, um dos articulistas da revista, amplia a percepção em torno da participação do negro no espectro político e partidário:

“Compreendo essa evolução social (Francisco se refere aos estudos sociológicos em alguns partidos) e reconhecendo a influência que a mesma tenha exercido sobre o nível cultural e na atividade do grupo de negros, é que pretendemos colocá-lo em função de um partido político organizado. Se nos dias que correm, grupos diferentes se movimentam no sentido político para defender os seus interesses econômicos, fazendo o jogo da rivalidade como meio de solução favorável ao seu problema, os agrupamentos negros não davam mais se pretender ser soldados obedientes, mas, sim, os observadores dos fenômenos sociais, pesquisadores que buscam conhecimentos para sua organização política. De fato, existem na Capital e no Interior do Estado, associações de negros com diversas finalidades, mas não tanto ao sentido político”.²⁰

Percebe-se pelo excerto a busca por uma organização política do negro feita sob efeito de muita pesquisa e fortemente embasada na observação dos chamados “fenômenos sociais”. Buscava-se uma união social engajada e que se opusesse aos interesses divergentes das elites e classes dominantes distribuídas em diversos partidos que se estabeleciam nas correlações de forças. O texto de Francisco afirma haver pequena presença negra no espectro político. Há uma defesa da elaboração de um partido político de cor e não de raça, que equiparasse ajustar o grupo negro ao grupo branco social e economicamente.

Sobre a atuação da imprensa negra neste período, Joselina da Silva em sua pesquisa *a União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50* apresenta um levantamento dos movimentos que em todo Brasil indicam o que foi identificado como o “Renascimento Negro” dos anos 1940/50. Destacando que a maioria dos movimentos tinham como causas centrais o “levantamento moral da gente negra” e a

¹⁹ Revista *Senzala* de janeiro de 1946, página 11.

²⁰ Revista *Senzala* de fevereiro de 1946, página 12.

luta conta a discriminação, o preconceito e destruição do mito de inferioridade racial, a autora sugere questões importantes a serem retomadas em sua pesquisa.

Ainda pensando as discussões que articulam memória e identidades negras resta indicar que os jornais e revista aqui tidos como fontes de pesquisa demonstram com bastante veemência em seus artigos, contos e poesias o desejo de se rediscutir e revisar dimensões da memória instituída como no caso da caracterização da princesa Isabel como redentora, o legado do 13 de Maio e as políticas eugenistas em seu entorno para se pensar as demandas do negro nos anos 1940. Para além disso, esses periódicos recuperaram e recordaram as lutas abolicionistas e alguns de seus protagonistas para assim arriscarem determinar sua presença espacial, simbólica, política e cultural na sociedade brasileira e na imprensa tida como popular, alternativa ou contra hegemônica.

Nesse sentido, o *Alvorada* nos releva uma revisão histórica do 13 de Maio em sua expografia. A data é apresentada como uma memória de uma luta diária e necessária, produto de muita resistência e organização dos negros libertos e escravizados, porém não mais tida historicamente como redentora e que marcava naquele 1948 a continuidade de uma ancestralidade combativa, politizada e crítica à apropriação da memória monárquica e elitista.

A edição de 13 de maio de 1948 apresenta uma proclamação, uma espécie de manifesto produzido pelo jornal na mesma data todo ano. Nele, e no restante do periódico, há um chamamento aos negros quanto a criação de uma unidade e convoca os “negros de boa vontade” a se filiarem às “normas de orientação” e que buscassem “na associação o amparo que a lei de 13 de maio de 1888 não lhe deu”.

Parte da narrativa desses periódicos se dá em torno de suas projeções literárias: contos, poemas, provérbios. Todas as expressões demonstram a diversidade de interesses entre os grupos negros partícipes da colaboração dos jornais e revistas. Um exemplo que tomo é um poema de Lino Guedes em *Senzala*, um dos literários mais ativos na imprensa negra paulista. Em *Maracatú*, presente na página 13 da primeira edição da revista, Guedes escreve que:

*A senzala desperta ao
rumor do batuque,*

*E na noite festiva, é
medonho o rumor*

Que vem da senzala,

*Que agora, parece, não
sente mais dor[...]*

*[...] Lá longe rebôa,
profundo, soturno:*

Maracatú, Maracatú,

Meu santo é forte

É Ogú!

Santo de negro

Observa-se nesse trecho do poema de Lino Guedes um lamento da escravidão, os momentos de descontração e alívio proporcionados pela música, dança e a lembrança dos orixás pelos negros escravizados através de uma resistência ancestral dentro da senzala e permanente na rememoração dentro das linhas literárias dos jornais e revistas, através de seus projetos gráficos e editoriais e também em seu nome. Em outras passagens fica evidente a presença da zabumba, pandeiro, flauta, viola cabocla, do tamborim, ganzá, gaita, bumbo em diversos ritmos em contos, poemas e artigos como expressão cultural resgatada e recriada, contrapondo-se aos interesses dos jornais comerciais.

III. Objetos, metodologias e fontes

Provocado pela leitura de vários destes estudos sobre o período e sobre uma leitura inicial dos jornais selecionados definimos como objetivos da pesquisa:

- analisar o papel e propostas da imprensa negra paulista na configuração das identidades culturais e no debate sobre o lugar das populações negras na construção e composição da nacionalidade na década de 1940;
- estudar os circuitos de produção e difusão da imprensa negra e seu papel na articulação interna dos movimentos negros em São Paulo no período;
- indagar concepções e marcos da memória negra reivindicados pelos grupos negros e sobre o lugar atribuído à memória histórica do negro brasileiro na discussão sobre a nação e o nacional.

Como indicado anteriormente de início selecionamos para o desenvolvimento da pesquisa os jornais e revistas da cidade de São Paulo *Alvorada*, *Senzala* e *O Novo Horizonte*, todos disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital e no acervo digital da Universidade de São Paulo.

Essa imprensa buscava articular-se como uma rede de comunicação baseada na edição e circulação de veículos feitos por negros para os negros. Trata-se de veículos de pequeno porte, amplamente estruturada por colaboradores da comunidade e das associações, mantida através de mútua organização financeira e quase sem patrocínios. Os diversos periódicos, com o objetivo de fomentar a consciência étnica da comunidade e fortalecer as lutas coletivas, traziam para suas páginas as discussões que animavam as várias correntes e associações do movimento com relação à política, cultura, identidade, memória e experiências ancestrais, promovendo as reivindicações econômicas e sociais e as atividades associativas, assim como a união sobre as lutas comuns.

Através do artigo *Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa*, de Heloisa Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto²¹, pude depreender a necessidade de se pensar o periódico como documento histórico veiculado por grupos sociais portadores de uma historicidade e temporalidade, ou seja, inseridos em determinada conjuntura e, portanto, notadamente presente na análise do pesquisador.

Também Habermas nos faz refletir através de seus estudos sobre esfera público e privada²² a respeito das experiências negras na produção de seus periódicos durante o início do século XX: sua inserção em meio a concentração de meios de comunicação nacionais e transnacionais de conglomerados empresariais, com bastante sobrepujança econômica e política, responsável por direcionar o conteúdo acessado e de promove-lo.

Dentro desse espectro, observa-se a disposição de uma imprensa variada, com composições nacionais e regionais, com abordagens culturais, militantes, de variedades, de humor ou especializadas.

Ao pensar a análise da revista *Senzala* e dos jornais *Alvorada* e *O Novo Horizonte* sob perspectiva da História Social e sob orientação bibliográfica das autoras anteriormente citadas, observa-se, sobretudo com as concepções de Stuart Hall por elas adotadas, a presença de um campo popular que no espaço público estabelece disputas e tensões com a imprensa hegemônica ou comercial no Brasil desde o início do século passado. Dentro dessa compreensão, as classes dirigentes e burguesas se projetaram como

²¹ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. São Paulo: Projeto História, PUC-SP, n. 35, pp. 253-270, dez. 2007.

²² HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, pp. 45-75, 1984.

definidoras do que é “cultura” e “popular” e, em contrapartida, observa-se uma correlação de forças e a imersão de grupos tidos como populares em uma contranarrativa e ações práticas adversativas, que não as qualificam como passivas, muito menos herdeiras de uma tradição de plena alteridade. Portanto, Hall acredita haver uma disputa de classes em torno da cultura.

Nesse sentido, a imprensa negra se projetou, ao longo das décadas, como um espaço preocupado em dar força as demandas das comunidades negras que não repercutiam na imprensa comercial, em produzir consciência histórica e coletiva, além de interferir no cotidiano, o que nos leva a outra utilidade metodológica: a de não compreender a imprensa unicamente como depositária de registros de acontecimentos.

Outro aspecto fundamental para se pensar a imprensa e sua historicidade, seja ela hegemônica ou não, é percebê-la como portadora de um projeto editorial, portanto, inserida em uma conjuntura política, econômica, social e cultural influenciada pelos sujeitos que a alimentam, que a fazem circular e que a consomem. Rejeita-se assim a ideia de um veículo de comunicação neutro ou eminentemente universalizante ao encarar o objeto de pesquisa, ao menos como método. Essa imprensa apresenta um papel social e os indivíduos que a compõem também, o que faz com que o historiador tenha em perspectiva a recusa por analisá-la apenas através excertos de artigos, matérias, matérias assinadas, editoriais, iconografia ou disposição publicitária. Existe uma rede de informações sobre cada veículo ao longo de todas as suas edições que se transmuta através de sua temporalidade.

Observa-se, portanto, como nos apontam as autoras ao referenciar os estudos de Raymond Williams²³, a importância de se buscar não isolar a imprensa, suas conexões e vínculos tanto com a história como com outras formas de comunicação, sob égide de uma conjuntura econômica, cultural e política ampla.

Contudo, desenvolveremos a análise dos jornais e buscando as principais características do projeto editorial e gráfico dos três veículos, ou seja, tentar responder como eles se postam como força histórica ou sujeito, como se posicionam diante às

²³ WILLIAMS, Raymond. A Imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. São Paulo: tradução do Projeto Memória, 2007.

correlações de força entre 1945 e 1948 e seus diálogos e divergências dentro desse espectro.

IV. Os periódicos selecionados

Devido a pandemia, o levantamento geral bem como a primeira sondagem de jornais da imprensa negra paulista no período só pode ser realizada em acervos virtuais. Trabalhei com os títulos e exemplares de periódicos disponíveis nos acervos virtuais do Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca Digital e com o acervo virtual da Hemeroteca da USP. Neles não foi possível ter acesso às coleções completas dos jornais e revistas e tampouco a outros títulos de interesse da pesquisa. A expectativa é que com a abertura para consulta presencial no acervo das instituições o conjunto de fontes possa ser enriquecido.

Jornal ALVORADA



Figura 1 Primeira página da edição de maio de 1948 do Alvorada

O *Alvorada* foi publicado entre setembro de 1945 e de 13 de maio de 1948. Este periódico foi fundado por José Correia Leite, antigo redator do *Clarim d'Alvorada*, um periódico de 1924 elaborado por ele e Jayme de Aguiar com colaboradores vinculados à Frente Negra Brasileira e ao Centro Cívico Palmares. A primeira edição do *Alvorada* apresenta-se na Hemeroteca Digital e no acervo de Imprensa Negra da Universidade de São Paulo. O segundo volume do *Alvorada* analisado na presente pesquisa está disponível no Arquivo do Estado.

Esse jornal apresentava uma tiragem mensal de quatro páginas. A primeira página da edição inaugural de 1945 detinha em sua exposição o título do veículo e uma manchete

grande, acima do nome *Alvorada*, com os dizeres: “declaração aos negros do Brasil”. Na sequência, os temas principais do jornal são apresentados.

Aspecto importante a se pensar diante o projeto gráfico da edição de setembro de 1945 do *Alvorada* é sua referência à *mãe preta* presente no dia de seu lançamento, 28, data que relembra a memória da mulher negra ama de leite, mucama e também a promulgação da Lei do Ventre Livre. Essa memória se dispõe em poemas e artigos jornalísticos. A memória de uma mãe carregada por um duplo sofrimento, a de estar afastada de seu filho e cuidar de uma criança que se tornaria sua opressora, além de ser vista como indivíduo fundante da cultura brasileira e da educação primária do brasileiro por parte do jornal. Observa-se logo na primeira matéria tal discussão:

28 de setembro é a data de nossa evocação na figura lendária naquela que, pela sua imortal dedicação, embalou o Brasil pequenino no recesso de todos os velhos lares da pátria brasileira.²⁴

Revista SENZALA



Figura 2 Contracapa da Revista Senzala

²⁴ Página 1 da edição setembro do *Alvorada*.

A revista *Senzala*, por sua vez, foi pesquisada em suas edições de janeiro e fevereiro de 1946, as únicas edições disponíveis na Hemeroteca Digital. A primeira apresenta 35 páginas e a segunda 29.

Possivelmente estas são as únicas edições elaboradas por seus colaboradores e editores. Este periódico, assim como os demais, apresenta textos assinados ou sem autor identificado. Seu subtítulo era “revista mensal para o negro, uma revista do negro brasileiro”, posicionando-se como um veículo feito por negros para negros, tinha assinantes na cidade de São Paulo, em várias outras cidades do Brasil e, especialmente, no interior de São Paulo.

É possível observar na apresentação do *Senzala* em sua edição de janeiro a busca por um discurso em torno da unidade entre os negros. Essa unidade é pensada para os “negros que vivem, sofrem e sonham em todos os quadrantes da pátria”. Depreende-se desse excerto a possibilidade de se discutir a ideia de construção nacional sob perspectiva do negro. “*Senzala* se apresenta, pois, como um órgão inteiramente a serviço do negro nacional”.

A apresentação da revista critica o que identifica como “falta de união entre os elementos afro-brasileiros”. O editorial do *Senzala* chama atenção, portanto, para uma análise presente nos outros dois jornais aqui estudados: o baixo senso de coletividade negra. Nesse sentido, observa-se que o periódico partia do ponto de vista de que esse comportamento prejudicava a compreensão das desigualdades sociais e ajudava a acentuar a mentalidade racista das classes mais abastecidas, limitando assim a atuação do negro no cenário literário, artístico e científico.

A revista apresenta, assim como os demais periódicos, uma seção suplementar destinada aos natalícios, batizados, nascimentos, núpcias e formaturas. Fica evidente nas homenagens que um dos colaboradores do *Senzala*, Joaquim Teodoro Gonçalves, escrevia para o *Diário de São Paulo*. Depreende-se que esse espaço de socialização dentro dos veículos expõe parte das redes comunitárias e as relações entre os colaboradores e suas diversas funções e espaços ocupados, além de seus leitores. Membros do TEM, de clubes sociais, de escolas, como o Grupo Escolar do Bom Retiro, jornalistas, funcionários públicos, entre outros.

Outro aspecto importante do projeto editorial do *Senzala* é a elaboração do caderno feminino *Eloá* sobre o qual pretendo me aprofundar mais à frente na pesquisa. Contudo, depreende-se a preocupação em refletir a mulher negra ao longo de suas experiências históricas e sua vivência no cotidiano urbano da São Paulo de 1945, bastante pautada na formação profissional e educacional dela em sociedade. Alguns textos expostos no caderno eram de autoria feminina.

Jornal O NOVO HORIZONTE



Figura 3 Primeira página do *O Novo Horizonte* de maio de 1946

Este periódico apresenta edições disponíveis entre 1945 e 1961. Apenas duas edições foram analisadas (as de maio e junho de 1946) e as demais serão devidamente estudadas no decorrer da pesquisa, sobretudo no recorte temporal aqui tematizado. Somente seis edições do *O Novo Horizonte* estão disponíveis na Hemeroteca. Dentre os três veículos, ele foi o único que pude identificar o preço de compra das suas edições, todas compostas por quatro páginas: quinze cruzeiros por uma assinatura mensal.

O Novo Horizonte se postava como um jornal criado para incentivar os jovens negros primordialmente a adquirir informação, objetivando a “elevação moral, intelectual e econômica do negro”. Seu subtítulo era: *órgão de propaganda unificadora. Para seres bom negro, sê culto – o futuro de nossa raça exige*. Além disso, a memória dos abolicionistas negros é recordada na imagem de Luiz Gama. Ovídio Santos fez a seguinte explanação, expondo assim os objetivos dos colaboradores do jornal:

Não pretendemos outra questão política a não ser esta: erguer o negro do fundo da miserável situação em que se acha. Assim, esperamos que este jornal vá encontrar perfeito acolhimento no seio da raça negra, porque não pretendemos que ele seja uma propriedade nossa, mas do negro em geral.²⁵

Há o objetivo de união da negritude, como citado acima, mas sobretudo de suas associações, que, segundo o autor, mais pareciam organizações de “raças distintas”. Nesse sentido, o projeto gráfico e editorial do jornal se posta em torno do incentivo ao associativismo como projeto social de construção de memória e de escolas, hospitais, cursos técnicos, centros culturais, teatro, entre outros espaços.

Observa-se que uma expectativa positiva diante a eleição de Gaspar Dutra foi equacionada, em que este era visto como um “presidente polarizador e consciente” quanto à memória ancestral dos negros. Esse posicionamento diante o Dutra, no entanto, não pode ser visto como majoritário entre todos os articulistas e colaboradores do *Senzala* e muito menos nos outros periódicos, alguns destes contrariados ao presidente eleito.

O Novo Horizonte acrescenta uma perspectiva da análise de conjuntura fortemente vinculada às discussões em torno da luta de classes e à classe trabalhadora, discurso esse também presente nos textos de Luis Lobato em *Senzala* e que pretendo aprofundar sua análise no decorrer da pesquisa.

V. Cronograma de Trabalho

O plano de trabalho descrito está especificado na tabela apresentada a seguir:

Meses	1/2	3/4	5/6	7/8	9/10	11/12	13/14	15/16	17/18	19/20	21/22	23/24
Atividade												
Levantamento das fontes e bibliografia	X	X	X	X								

²⁵ *O Novo Horizonte* no artigo *Eis Aqui Uma Conscientização*, de maio de 1946 pag.1.

Organização e leitura da bibliografia e das fontes		X	X	X	X	X						
Disciplinas obrigatórias e optativas	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Análises teórico-metodológicas e das fontes				X	X	X	X	X	X			
Redação e realização do exame de qualificação						X	X	X	X			
Redação da dissertação									X	X	X	X

VI. Fontes

ACERVOS:

- Hemeroteca Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo
- Acervo Digital da Universidade de São Paulo.

IMPrensa NEGRA

- **Jornal O Novo Horizonte – edições mensais entre 1945 e 1948**
- **Jornal Alvorada – edições mensais entre 1945 e 1948**
- **Revista Senzala – edições de 1946**

SITES

- <https://ipeafro.org.br/acoes/acervo-ipeafro/secao-ten/>
- USP Portal da Imprensa Negra Paulista
- <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>

MEMÓRIAS DE JORNALISTAS NEGROS

CUTI, Luiz Silva. E disse o velho militante José Correia Leite. São Paulo: Noovha América, 2013.

VII. LISTA DE IMAGENS

- Figura 1: primeira página do *Alvorada*, edição de 13 de maio de 1945
- Figura 2: contracapa da edição de janeiro de 1946
- Figura 3: primeira página do *O Novo Horizonte* de maio de 1946

VIII. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Valmir Teixeira. O papel da imprensa negra brasileira. São Paulo: Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo da ECA-USP, 2019.

AZEVEDO, Amailton Magno. Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2017.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. São Paulo: Projeto História, PUC-SP, n. 35, pp. 253-270, dez. 2007.

FERRARA, Mirian Nicolau (1986). Imprensa negra paulista (1915-1960). São Paulo: FFLCH – USP.

GONÇALVES, José Roberto. O Getulino – um jornal de carapinha: jornal editado por jovens negros em Capinas (1923/1925). Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. Salvador: Afro-Ásia, núm. 30, pp. 247-269, 2003.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, pp. 45-75, 1984.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. As representações sociais da mãe negra na cidade de São Paulo. Assis: UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007.

MALATIAN, Teresa. Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar. São Paulo: Unesp, v. 14, n. 1, pp. 340-364, janeiro-junho, 2018.

MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MOURA, Clóvis. Imprensa Negra: estudo crítico de Clóvis Moura e legendas de Miriam Ferrera. São Paulo: edição Fac-Similar, Imprensa Oficial, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. São Paulo: Editora Perspectiva LTDA, 2019.

OLIVEIRA, Laiana Lannes. Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros? Niterói: Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil no século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, Joselina da. A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Estudos Afro-Asiáticos*, pp. 215-235, 2003.

SANTOS, Carlos José Ferreira (Casé Angatu). *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890 – 1915)*. São Paulo: Annablume Editora, 2017.

SANTOS, Pedro de Souza. *A imprensa negra em São Paulo no início do século XX*. Mestrando em Educação pela Universidade São Francisco Itatiba/SP.

SANTOS, Rael Fiszon Eugenio dos. *Imprensa Negra e África no Brasil (1920-1960)*. In: *África passado e presente: II Encontro de Estudos Africanos daUFF*. Niterói: PPGHistória-UFF, Editora da UFF, 2010 pp.122-128.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa Brasileira no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

WILLIAMS, Raymond. *A Imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica*. São Paulo: tradução do Projeto Memória, 2007.